

# Governo está em boa posição para negociar

BRASÍLIA — A moratória da dívida externa é uma possibilidade que nunca pode ser descartada, afirmou ontem um importante assessor da área econômica do Governo. Ao contrário do que se pensa, acrescenta ele, os bancos credores é que deveriam estar preocupados com o que poderá acontecer no mês de setembro, quando o Brasil terá que efetuar o pagamento de US\$ 2,3 bilhões. O País, segundo ele, tem a receber apenas US\$ 600 milhões, enquanto os bancos esperam cobrar um total bem mais significativo.

Com as medidas de centralização do câmbio adotadas há dez dias, o Governo brasileiro tem todas as armas para negociar e caberá aos credores aceitar ou não as condições

propostas. No entender do assessor, próximo ao Ministro Mailson da Nóbrega, os bancos credores se verão obrigados a negociar com os representantes do Presidente José Sarney e a aceitar a realidade econômica do País (alto déficit público e constante ameaça de nova escalada inflacionária), se quiserem receber o pagamento dos juros que vencem no mês de setembro.

De fato, diz o mesmo assessor, os números do déficit orçamentário do Brasil já não têm a menor importância no contexto das negociações, seja com o Fundo Monetário Internacional (FMI) — que deveria desembolsar US\$ 800 milhões para o País ainda este ano —, seja com os bancos privados. Segundo o assessor, tanto

o Fundo quanto os bancos não têm outra saída senão aceitar a realidade macroeconômica e política do Brasil.

●SODRÉ — O Chanceler Roberto de Abreu Sodré disse em artigo, publicado no jornal mexicano "Excelsior", que a saída para o impasse da dívida passa necessariamente pela redução de seus valores e, conseqüentemente, dos juros. Abreu Sodré afirma que o Brasil não consegue receber novos créditos, apesar de ter feito os esforços exigidos pela comunidade financeira internacional, e que agora é chegada a hora de "respostas a nosso favor".